

REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO E DOS EDUCADORES NO CINEMA

Cimeide Maria de Oliveira Portilho¹

Dra. Tania Nunes Davi²

RESUMO:

Este artigo é fruto da pesquisa desenvolvida em 2012 com o apoio de bolsa de Iniciação Científica da FAPEMIG e tem como proposta induzir o leitor a observar, captar e analisar as representações presentes em filmes sobre o papel social do professor, levando-o a compreender as relações professor/aluno, analisando a construção ou reconstrução do papel do educador na sociedade, percebendo assim como o cinema apresenta a ação do professor como profissional da educação. Elencamos como objetos de análise os filmes *Uma professora muito maluquinha* (2010), *O contador de Histórias* (2009), *Escritores da Liberdade* (2007) e *A onda* (2008). Como metodologia usamos a pesquisa interpretativa na qual utilizamos dados de filmes e construímos uma análise dos mesmos. Os filmes observados estão focados no fazer pedagógico, na inovação de práticas e no relacionamento professor/aluno baseado em confiança e cumplicidade no processo ensino/aprendizagem. Notamos que nos filmes há várias possibilidades de formação de identidades, tendo o professor como mediador do conhecimento por meio de práticas eficazes, destacando a motivação e potencialização nos alunos e de suas competências. Nossos resultados indicam que o cinema não é só prazer e nem fruição, ele pode ser instrumento de crítica, de contestação e de reflexão sobre as realidades excludentes em que vivemos, tais como refletir sobre temas polêmicos e conflitantes do passado/presente, discutir sobre que tipo de educação é ministrada nas categorias sociais excluídas ou ainda os espaços de manobra que o professor tem para desenvolver uma metodologia inovadora e criativa mesmo dentro de uma instituição tradicionalista.

PALAVRAS CHAVE: Cinema; Educação; Representações.

ABSTRACT:

This article is the result of research carried out in 2012 with the support of the Scientific Initiation scholarship FAPEMIG and is proposed to induce the reader to observe, capture and analyze the representations present in films about the social role of the teacher, leading him to understand the relations teacher/student, analyzing the construction or reconstruction of the educator's role in society, as well as realizing the film shows the action of the teacher as professional education. We list as objects of analysis films *Uma professora muito maluquinha* (2010), *O contador de histórias* (2009), *Freedom Writers* (2007) and *The Wave* (2008). How we use the interpretative research methodology in which we use data from films and built a analysis. The films are observed focused on pedagogical practice, innovation and practices in the teacher/student based on trust and complicity in the teaching/earning. We note that in the movies there are several possibilities for identity formation, with the teacher as facilitator of knowledge through effective practices, highlighting the empowerment and motivation in students and their skills. Our results indicate that the film is not just

¹ Graduada no curso de Pedagogia da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo/M.G.; E-mail: cimoportilho@hotmail.com

² Orientadora. Doutora em História pela UFU – Uberlândia/M.G. Professora da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo/M.G.; E-mail: taniandavi@gmail.com

pleasure and enjoyment or it can be a critical tool, to challenge and reflection on the realities in which we live exclusionary, such as reflect on controversial issues and conflicting past/present, to discuss type of education is delivered in socially excluded or spaces for maneuver that the teacher has to develop an innovative and creative approach even within an institution traditionalist.

KEY-WORDS: Cinema; Education; Representations.

1. Introdução

A presente pesquisa foi desenvolvida ao longo de 2012, com o apoio de bolsa de Iniciação Científica da FAPEMIG. A proposta foi desenvolver uma análise que apontasse como o cinema constrói representações³ sobre a educação e os educadores. O cinema é uma forma de representação social que influencia como vemos e percebemos a realidade; ele vai além da diversão, é uma indústria e um meio pelo qual a sociedade se manifesta. Logo é uma fonte privilegiada para captar as representações construídas pelos sujeitos históricos sobre a sociedade na qual vivem. As representações são o “processo social de fazer com que imagens, sons, signos, signifiquem algo” (TURNER, 1997, p. 48) para aqueles que fazem parte da cultura construtora dos significados; estes são interligados, entretecidos e intercambiáveis. Um filme é uma das instâncias utilizadas para criar, divulgar e legitimar determinados imaginários sociais e memórias coletivas por meio de representações que, ao serem ou não decodificadas pelos espectadores, permitem-lhes tecer suas leituras das ideias veiculadas. O uso do cinema como forma de divulgar determinados ideais dos grupos sociais hegemônicos não impede que ele seja utilizado como uma forma de contestação, de levar ao público propostas novas, visões dissonantes da sociedade ou projetos de grupos sociais não hegemônicos.

Esta característica do cinema, de utilizar a imagem para levar ao público mais do que a história narrada, é um dos fascínios desta arte/indústria. Um filme pode dizer-nos muito mais sobre a sociedade que o produziu e recepcionou do que sobre o tempo narrado na história ficcional porque, mesmo o cineasta não tendo intenção de retratar a sua época, ele é produto da sua cultura, dela faz parte, comungando de seu imaginário, problemas, ideais, crenças, seja para combatê-los ou para propagá-los. Logo, um filme pode “revelar zonas ideológicas e sociais” das quais o cineasta “não tinha necessariamente consciência, ou que ele acreditava ter rejeitado”. (FERRO, 1992, p. 16)

São estas “zonas” de representação sobre a educação e os educadores que nos interessam captar, perceber e analisar construindo assim um quadro sobre como a sociedade atual representa a função da educação e dos educadores.

Nossos objetivos são captar e analisar as representações presentes em filmes sobre o papel social do professor. De modo que possamos compreender como o cinema apresenta a relação professor/aluno; analisar como o cinema constrói ou (re)constrói o papel do educador na sociedade e perceber como o cinema apresenta a ação do professor como profissional da educação.

1.1 Fundamentação teórica

³ O conceito de representação é muito complexo e, cada ciência social, acaba compondo explicações sobre ele de acordo com seu objeto de pesquisa. Trabalhamos aqui com a perspectiva apontada por Roger Chartier (1991) que afirma que o mundo é uma representação na medida que atribuímos valores e significados as nossas ações, gestos, fazeres e práticas materiais e imateriais tornando o mundo inteligível para ser apropriado àqueles que fazem parte da cultura que produz as representações ou àqueles que as pesquisam.

Os filmes sobre educadores e educação remontam ao clássico “Ao mestre, com carinho” (1966) e, durante um certo tempo, construíram uma imagem idealizada, estereotipada e até assexuada do professor em um papel social que, aparentemente, não sofria mutações, ele era perfeito, sem defeitos ou questionamentos morais. Os valores éticos, estéticos e políticos dos personagens são sempre sólidos e tradicionalistas, ou seja, o professor era representando como um herói. (FABRIS, 2012)

Assim como os heróis clássicos dos quadrinhos e da literatura sofreram uma releitura que os tornam mais “reais”, sujeitos aos dramas mortais, o cinema contemporâneo tem discutido a perspectiva do professor herói trazendo ao público uma nova e, talvez, mais realista faceta do papel que este profissional exerce junto à sociedade e ao indivíduo. Por isso, nossa proposta foi trabalhar filmes mais recentes que façam este questionamento sobre o professor como profissional e qual sua atuação junto a comunidade na qual está inserido.

A forma como a sociedade percebe o professor e o representa é determinada por momentos históricos, profissionais e culturais pelos quais uma comunidade passa. Altet (1999 apud PERRENOUD, 2001, p. 48), construiu quatro modelos de ensino e de formação pelos quais passou a sociedade francesa. Para ele, existiram o professor:

- 1) Magister ou mago: modelo intelectual da Antiguidade, era um mestre ou mago, que não necessitava de formação específica, seu papel social era determinado por seu carisma e competências retóricas.
- 2) Técnico: é o modelo das Escolas Normais no qual a formação ocorria por imitação e era apoiada na prática de um professor experiente que transmitia seus “truques” e era o modelo para o aluno.
- 3) Engenheiro ou Tecnólogo: este modelo se apóia nas diretrizes científicas trazidas pelas ciências humanas; nele a formação do professor era orientada por especialistas e teóricos da didática e do planejamento pedagógico.
- 4) Profissional ou reflexivo: modelo baseado na ação de um ir e vir entre prática-teoria-prática; a formação se baseia na contribuição de praticantes e pesquisadores que leva o professor a ser um profissional capaz de analisar suas práticas, resolver problemas, inventar estratégias.

Já as representações dos professores no cinema, segundo Dalton (1996), são efetivadas a partir de

três valores consistentes com “bons” professores ou “boas” professoras nos filmes: valores estéticos (a atividade educacional vista como tendo significados simbólicos e estéticos); valores políticos (o poder e o prestígio são buscados como fins e não como meios para uma ação responsável e criativa); e valores éticos (exige que a relação humana entre estudante e professor, seja a mais importante, e o conteúdo seja o encontro do ser humano). (DALTON, 1996 apud RODRIGUES, 2012, p. 15)

Será que o cinema ainda segue os modelos de Altet e de Dalton para representar o professor e a educação, concentrando-se em um modelo socialmente mais aceito e não indo além dos estereótipos construídos pela sociedade? Seria o cinema uma instância na qual apenas uma das possíveis visões de mundo edificadas na sociedade é retratada? Essas e outras questões, procuramos responder a partir da utilização do cinema como fonte documental.

Chartier (1991) alerta-nos que, se os meios de divulgação são controlados por um grupo social com visões e signos próprios, isso não quer dizer que todas as pessoas

percepçõem as mensagens de acordo com o desejado pelos grupos sociais hegemônicos. Cada indivíduo representa e interpreta a realidade de acordo com seu *ethos*, sua categoria social, sua posição e interesses dentro da sociedade, assim como apropria-se das simbologias feitas por outros de acordo com sua cultura e necessidades históricas, fazendo uma leitura diferenciada e interessada de qualquer acontecimento por meio das suas práticas sociais.

Mas devemos também estar conscientes que

O cinema não reflete nem registra a realidade; como qualquer outro meio de representação, ele constrói e “re-apresenta” seus quadros da realidade por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação. Assim como o cinema atua sobre os sistemas de significado da cultura – para renová-los, reproduzi-los ou analisá-los -, também é produzido por esses sistemas de significado. (TURNER, 1997, p. 128-129)

O cinema é, portanto, um meio privilegiado para analisar a ideologia simbólica de uma sociedade, os projetos, as visões de mundo de grupos sociais antagônicos ou não. Ferro aponta que “acréscimos, supressões, modificações e inversões” presentes em um filme não “podem ser atribuídos somente ao “gênio” do artista” (FERRO, 1992, p. 14), mas cada um desses fatores tem um significado a ser desvendado, analisado, problematizado pelo pesquisador. Os cineastas, “conscientemente ou não, estão cada um a serviço de uma causa, de uma ideologia, explicitamente ou sem colocar abertamente as questões” (FERRO, 1992, p. 14), já que cada um acaba criando e propondo em seus filmes uma visão de mundo própria, contrária ou não aos poderes constituídos.

Cada filme tem sua própria história, inserida no contexto social e cultural de sua produção, cabendo ao pesquisador perceber e analisar este contexto para melhor entender os significados presentes no filme.

1.2 Metodologia

Como esta foi uma pesquisa interpretativa, na qual o pesquisador cruzou dados de filmes e construiu uma análise dos mesmos, utilizamos como metodologia de pesquisa o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989). Para este autor uma pesquisa não deve seguir parâmetros lineares, mas percorrer caminhos que propiciem ao pesquisador fazer um cruzamento mais extenso de dados, o que requer da sua parte uma bagagem intelectual mais holística que parta da micro para a macro análise e vice versa.

O pesquisador procurará ler os significados presentes em sua fonte documental que podem esclarecer alguns de seus questionamentos. Mas ele não deve esquecer-se de que o texto cultural utilizado foi produzido em um contexto histórico, seguindo as regras de forma, conteúdo e estética desse tempo e sociedade e de que nunca conseguirá abordar, interpretar um texto de imediato, pois “as obras não têm sentido estável, universal, congelado. Elas são investidas de significações plurais e móveis” (CHARTIER, 1994, 107) e, cabe ao público a tarefa de se apoderar e reconstruir estes sentidos.

Logo, a subjetividade e a capacidade interpretativa do pesquisador também estão em jogo. Há uma construção que envolve a relação entre o que o cineasta apresentou nas imagens e aquilo que o pesquisador consegue depreender e/ou extrapolar delas. O filme é um texto transformado em imagens e, como um texto escrito, ele pode ser

interpretado de maneiras diferentes por cada espectador já que o cineasta não consegue alcançar todas as interpretações possíveis a partir de sua obra. Segundo Stierle, “nenhum texto diz apenas aquilo que deseja dizer” (STIERLE, 2002, p. 127) e cada leitura ou cada nova visita a um filme “encerra o jogo do significante fraturado ao bloqueá-lo com um significado”. (ISER, 2002, p. 110-111) Iser, ainda acrescenta que “não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem – e, daí, modificam – o mundo referencial contido no texto” (ISER, 2002, p. 107), pois “quanto mais o leitor é atraído pelos procedimentos a jogar os jogos do texto, tanto mais é ele também jogado pelo texto”. (ISER, 2002, p. 115-116)

Portanto, deixamos que o filme e sua narrativa jogasse com as nossas interpretações, permitindo assim a construção das análises a partir de tópicos determinados após a leitura teórica sobre cinema e educação. Quanto aos filmes a serem analisados, optamos por trabalhar com quatro, sendo dois brasileiros e dois estrangeiros e demos prioridade na escolha para filmes produzidos após o ano 2000 por entendermos que representam melhor o pensamento, os projetos e o imaginário da nossa época. Foram escolhidos: os brasileiros, O contador de histórias (2009) e Uma professora muito maluquinha (2010); o americano, Escritores da liberdade (2007) e o alemão, A onda (2008).

2. Imagens em movimento: analisando os filmes

Alusivo ao tema desse relatório está a origem do cinema, em 1885, com o aparelho chamado cinematógrafo, inventado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière. Era uma tecnologia bem modesta, mas inovadora para a época. O cinematógrafo era um aperfeiçoamento de várias versões dos chamados “brinquedos óticos”, que moviam imagens para diversão dos espectadores de feiras e exposições. A tecnologia de movimentar imagens sofreu inúmeras melhorias e mudanças ao longo do século XVIII e XX e, hoje, é utilizada no cinema, televisão, internet entre outros meios tecnológicos que revelam fatos reais ou ficcionais transportados para as telas grandes ou pequenas.

A verossimilhança entre o que o observador percebe e o que acontece nestas imagens pode despertar nele um novo olhar sobre um acontecimento/história possibilitando uma leitura daquelas imagens reais ou ficcionais. Nesse contexto, de projetar o real e o ficcional como duas facetas de uma mesma moeda, é que os filmes são explorados como meios que possibilitam a aprendizagem e a pesquisa. Atualmente a aprendizagem predispõe o prazer em aprender de forma espontânea, com metodologias diferenciadas e instigantes – sendo o cinema um dos recursos para aprender sobre espaços e tempos que não se tem acesso de modo direto. Nesse cenário, muitas obras, em seus mais variados gêneros, passaram a ser leituras imprescindíveis para entender a forma como as coisas podem acontecer ou mesmo ser mudadas; pois, é pela leitura de possibilidades que podemos contribuir para que o aluno e o pesquisador se tornem críticos da sua e de outras culturas. Coutinho, diz que “a linguagem cinematográfica realiza sempre, mesmo quando não se propõe a tal, uma educação cultural no espaço e no tempo (...) vemos nos filmes sempre a vida.” (COUTINHO, 2009, p. 80)

Cabe ao professor desenvolver no aluno a sensibilidade necessária para que as imagens possam ser transferidas e recepcionadas por um olhar atento do observador fazendo com que este se torne reflexivo e, instintivamente, comece a fazer analogias no tempo e espaço captando e percebendo as possibilidades que porventura são passíveis de serem analisadas a partir das realidades apresentadas na história narrada pelo filme. Ainda que a experiência de assistir ao filme tenha apenas um ponto de vista

mostrado na tela, o espectador pode construir uma leitura possível frente aos conhecimentos ficcionais ou reais narrados, pois

Todo filme constitui uma modalidade em gestos e movimentos, por mais ínfimos que possam parecer. Indicam caminhos, designam e exigem uma tomada de posições. Tudo isso quando deixamos de lado o olhar ordinário com que olhamos para as situações e para as coisas, para vermos com as lentes do cinema, com todas as suas nuances, profundidades, relevos, planos de fundo, ou seja, com suas possibilidades infinitas. [...] Dessa forma, nenhum filme consegue, por si só, narrar uma história, precisa contar sempre com a conveniência e a cumplicidade de quem vê e escuta. Aceitar uma história é sempre escolha de quem assiste. (COUTINHO, 2009, p. 88)

Assim sendo, refletir sobre o trabalho desafiador do professor e seus percalços se torna mais eficiente por meio de imagens ficcionais alusivas a fatos reais experimentados pelos educadores. Também precisamos perceber e desenvolver olhares pontuais sobre a revolução pela qual os adolescentes e a sociedade em geral estão passando, percebendo que estas modificações sócio-culturais afetam o profissional professor e que este deve estar atento para promover meios de aprendizagens mais eficientes que possibilitem ao aluno alcançar o autoconhecimento.

2.1 Cinema: da educação do olhar ao trabalho do professor

Os artefatos tecnológicos que permitem a leitura com códigos específicos como as “imagens em movimento” estão cada vez mais presentes no cotidiano dos indivíduos na sociedade contemporânea. Porém, para que a leitura dessas imagens possam tornar-se educativas, se faz necessária a educação do olhar do observador. Assim sendo, nesse trabalho, a análise de quatro filmes possibilitará uma analogia entre as imagens em movimento representadas pelos filmes e o cotidiano do professor, seus desafios e a representação que a sociedade faz deste profissional.

O primeiro filme elencado foi “Escritores da liberdade” (Freedom writers, 2007) dirigido por Richard LaGravenese. É um filme americano, do gênero drama e relata as dificuldades de uma professora em sala de aula, seus objetivos sendo ignorados pela escola, a exclusão social e a violência cotidiana de alunos. É um retrato do drama profissional vivido por muitos educadores que contam apenas com sua formação e boa vontade para mudar o destino de seus alunos.

O segundo filme é “A onda” (Welle, die, 2008), de Dennis Gansel. É um filme dramático alemão, baseado no livro homônimo de Todd Strasser e que mostra os desafios de um professor ao enveredar por uma metodologia que fará com que seus alunos descubram, por meio de ações autocráticas, a essência do ser humano e consigam responder a pergunta: porque os alemães apoiaram o nazismo?

O terceiro o filme é o brasileiro “O contador de histórias” (2009), de Luiz Villaça, uma história relatada pelo personagem principal que nos faz refletir sobre a violência, o abandono e suas consequências na vida de um jovem. Nossa leitura deste filme se focará na personagem da pedagoga Marguerit que acolhe o menor Roberto Carlos e modifica sua vida.

O quarto e último filme de análise é “Uma professora muito maluquinha” (brasileiro, 2010), sob a direção de André Alves Pinto e César Rodrigues e roteiro de Zivaldo, autor do livro que deu origem ao filme. O enredo faz alusão ao prazer de

aprender tendo como referência uma professora que estava à frente de sua época, mostra o que um professor é capaz ao partir para o uso de uma metodologia mais inovadora.

Todos os filmes analisados estão focados no fazer pedagógico, na inovação de práticas e no relacionamento professor/aluno baseado em confiança e cumplicidade no processo ensino/aprendizagem.

Cada filme tem características próprias e podem ser interpretados sob vários focos, aqui a pretensão é destacar a pedagogia como instrumento de trabalho, a metodologia como meio, recurso para se obter resultados almejados, as várias faces do relacionamento aluno/professor e os percalços pelos quais este último passa quando desenvolve um trabalho diferenciado com seus alunos. Tais professores vão além da tarefa de ministrar conteúdos, eles se fazem educadores e são reconhecidos pelos seus méritos; são professores inovadores, principalmente de práticas e currículos, pois eles têm a capacidade de não tornar as horas aulas em fardo enfadonho e pesado para os alunos.

2.2 A relação da Pedagogia com a prática efetiva em sala de aula

Analisar práticas pedagógicas em sala de aula requer que se reconheça, em primeira instância, com qual conceito de pedagogia nos identificamos. Para isso nos referenciamos na seguinte citação:

A pedagogia é o conjunto de meios empregados pelo professor para atingir seus objetivos no âmbito das interações educativas com os alunos. Noutras palavras, do ponto de vista da análise do trabalho, a pedagogia é a “tecnologia” utilizada pelos professores em relação ao seu objeto de trabalho (os alunos), no processo de trabalho cotidiano, para obter um resultado (a socialização e a instrução). (TARDIFF, 2011, p.117)

A partir de então entende-se que todo o processo de relação dialógica ocorrida nos quatro filmes se baseiam nas interações educativas entre o professor e o aluno. Nos filmes analisados os professores usaram várias propostas da pedagogia para permear suas práticas, tendo objetivos definidos para cada atividade desenvolvida com os alunos. No entanto, várias foram as metodologias utilizadas; de modo geral podemos afirmar que uma das metodologias mais utilizadas foi a de projeto. Definir a metodologia de projetos em pedagogia é complexo e envolve correntes de pensamento que, às vezes, se mostram divergentes. No entanto, concordamos com Pacheco quando este afirma que

Ao propormos uma pedagogia por projetos, não pensamos em ‘projetos de ensino’ como planejamentos propostos por um professor onisciente que ensina independentemente dos interesses, dúvidas e saberes dos alunos. Tampouco se fala de ‘projetos de aprendizagem’ propostos unicamente por alunos onipotentes, a quem se possibilita aprender somente aquilo que lhes interessa, a partir de seu mundo imediato. Diferente disso, ao nos referirmos a projetos de ensino-aprendizagem, falamos de uma proposta metodológica que reconhece o ensino-aprendizagem como um campo de relações cognitivas e sociais ambivalentes. Essa não se prende ao dirigismo de um professor que tudo sabe e nem está limitada a uma ação espontânea dos alunos. Falamos antes de educadores e educandos como agentes sociais que se entendem e se respeitam como agentes sociais e sujeitos cognicentes construtores do conhecimento – que mantêm suas diferentes posições e responsabilidades nessa relação, mas

também o reconhecimento das trajetórias e saberes particulares. (PACHECO, 2012, p. 21)

Como o caso do projeto de leitura e escrita de “Escritores da liberdade”, há um acordo preestabelecido entre alunos com o intuito da aprendizagem, tanto neste filme como no “Uma professora muito maluquinha”, a pedagogia é orientada pela aproximação dos alunos com o professor. Nesse sentido falar sobre suas vidas, fatos acontecidos mesmo que indesejáveis como o racismo, a exclusão, a violência e a segregação social citada em “Escritores da liberdade” faz com que o aluno veja no professor não um profissional autoritário e sim uma pessoa que possa fazer parte do seu mundo e auxiliá-lo a compreender como se inserir, viver e lutar pelos seus direitos neste universo complexo da sociedade contemporânea. Cabe ao professor valorizar a cultura e linguagem do aluno, o que está presente nos quatro filmes.

O professor deve construir uma relação horizontal entre ele e o aluno, a fim de poder “desmistificar e questionar com o aluno a cultura dominante, valorizando a linguagem e a cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura”. (MIZUKAMI, 1986, p. 99) Frente a essa afirmação podemos apontar o poder de persuasão do professor de “A onda”, quando percebeu que, na lição sobre autocracia, seus alunos estavam levando a autoridade ao pé da letra e, com o desenvolvimento de um projeto, ele acabou mostrando a eles que o autoritarismo é um risco ainda real e presente em qualquer sociedade e não apenas na Alemanha nazista. São práticas pedagógicas como a descrita nesse filme, mais precisamente, que fazem com que reflitamos sob o poder pedagógico da pessoa de um professor lúcido, de visão clara e orientado por uma práxis construtiva, crítica e que atenda às necessidades de seus alunos.

2.3 A construção do sujeito: práticas de representação e identidade

Ao falarmos da construção de um sujeito social dentro da educação temos que ter como premissa que a educação, mais precisamente escola e escolarização, são agentes de um processo social que tem o objetivo de transformação do ser humano biológico em um ser humano ético, político, cultural e socialmente atuante.

Nesse processo temos a figura central do aluno, aquele que será moldado para a vivência nos parâmetros sociais vigentes. Nota-se que a socialização não é um processo que se encontra estagnado, ela atende a um tempo e espaço próprios no qual o aluno deve ser inserido e do qual ele faz parte, acompanhando as permanências e as mudanças ocorridas.

Presencia-se, nos vários estudos, o crescente papel das transformações tecnológicas no processo de socialização. As novas tecnologias e as formas de utilizá-las socialmente trouxeram inovações e, nesse contexto, a escola, as salas de aulas tiveram que conjugar ações para que seu propósito – educar –, fizesse-se valer para acompanhar essa nova moldagem da sociedade. Nesse processo, em que a cultura molda o caráter da sociedade e das várias organizações, se faz necessário entender a cultura para analisarmos os quatro filmes quanto a construção da identidade dos alunos. Assim, cultura pode ter significados, “compreensão e sentidos compartilhados [...] na verdade está sendo feita uma referência ao processo de construção da realidade que permite às pessoas ver e compreender eventos, ações, objetos, expressões e situações particulares de maneiras distintas.” (MORGAN, 1996, p.121)

Isso porque a cultura não é se apresenta apenas por meio dos objetos materiais, mas também os imateriais – aqueles nos quais acreditamos, os que idealizamos, o que aprendemos e apreendemos daquilo que vemos, ouvimos e sentimos.

No primeiro filme, “Escritores da liberdade” a cultura movida pelo sentimento de racismo fazia com que os alunos se sentissem excluídos das possíveis oportunidades oferecidas pela sociedade para que ascendessem socialmente. Da mesma forma o garoto Roberto Carlos Ramos, de “O contador de histórias”, viveu e sentiu na pele a cultura da exclusão social. Os alunos de Erin, em “Escritores da liberdade”, reproduzem a intolerância, o racismo e as desigualdades a que são submetidos pela sociedade em sua vida particular e, na escola. Eles têm dificuldades de adaptação e de aprendizagem até que a professora começa a utilizar métodos mais inovadores e que promovam o interesse e habilidades, desconhecidas até então pelos alunos que passam a ler, debater e interligar o que lêem com a realidade excludente na qual estão inseridos. Por sua vez o personagem Roberto Carlos, de “O contador de histórias”, é uma criança pobre que a mãe, na maior ingenuidade e achando que vai ajudá-lo a mudar de vida, interna na FEBEM. Nesta instituição ele continua a ser marginalizado, agredido e excluído e só com o afeto, a atenção e o carinho da pedagoga francesa Margharit é que vai conseguir mudar a situação de violência e aprender a ler e escrever – transformando assim a sua história e a de outros que ele ajuda depois de se tornar pedagogo.

Já no filme “A onda”, o tema disciplina a todo custo proporcionou uma cultura de autoritarismo e fatos indesejáveis como resposta. Ao buscar entender o processo da autocracia, os alunos, envergonhados pelo passado nazista de seu país, começam sem perceber um movimento autoritário dentro do processo da educação. Nesse filme podemos captar o poder da educação sobre os indivíduos, a correlação de grupos com ideias afins e seu poder sobre as massas humanas, a ideologia dominante, enfim todo o processo possível de formar mentes. Mas esse filme também mostra o que o pensamento fascista é capaz de provocar e como ele se manifesta nas pessoas. No filme, o professor Rainer, mostra aos alunos o resultado do trabalho e aponta que:

— Vocês trocaram sua liberdade pelo luxo de se sentirem superiores. Todos vocês são bons nazi-fascistas. Certamente vestiriam uma farda, virariam a cabeça e permitiriam que seus próximos fossem destruídos e perseguidos. O fascismo não é obra de outras pessoas. Ele está dentro de nós [...] Nossa experiência foi um sucesso. Terão, ao menos aprendido, que somos responsáveis pelos nossos atos. Vocês devem se interrogar “O que fazer em vez de seguir cegamente um líder?” (A ONDA, 2008)

Na fala do professor Rainer, podemos perceber a dimensão do poder que a educação exerce na formação de culturas e o quanto este poder é perigoso. O professor influencia de maneira decisiva a vida e a forma de pensar de seus alunos; ele pode mostrar-lhes como ser cidadãos críticos e atuantes na realidade social ou pode criar pessoas apáticas que não se interessam pelas mazelas sociais. O professor Rainer não é um fascista, pelo contrário, ele é um educador que frente a um questionamento sem uma resposta clara (por que os alemães apoiaram o nazismo) monta um projeto polêmico para mostrar aos seus alunos que qualquer um é capaz de seguir o líder errado, de se juntar as massas, deixar de questionar e esquecer que a diversidade é que torna o mundo mais interessante.

Já no filme “Uma professora muito maluquinha” o destaque é para a capacidade e gosto que os alunos tem de ganhar o mundo por meio da cultura letrada. Alunos habituados à didática tradicional se deparam com um “sonho” de professora, que

não se coloca acima do aluno, que trabalha com ele e o ouve ao invés de impor-lhe conhecimentos e normas. A professora Catarina incomoda suas colegas, porque ela traz consigo um diferencial: vontade de ensinar e a reciprocidade desse ato através de aprendizes eficientes. Enquanto as outras professoras da escola – todas tradicionalistas – são temidas, ela é amada, enquanto as outras impõem silêncio e repetições de lições, ela cria, inova, transgride sem se importar com a cultura da escola e do seu tempo, levando os alunos a uma viagem de possibilidades. Quebrando conceitos antiquados por meio de aulas inovadoras ela permite que seus alunos se destaquem não só na escola como também nas vivências extra-escolares.

Nota-se que nos filmes há várias possibilidades de formação de identidades, e que todas tiveram o professor como mediador do conhecimento por meio de práticas eficazes. Isso sem deixar de se destacar a motivação e a potencialização nos alunos de suas competências.

2.4 Currículo: inovar é preciso

Um dos tópicos que estão presentes nos filmes é o processo de aplicação do currículo pelos professores. O que envolve perceber as relações entre o professor e o tipo de currículo vivenciado e aplicado nos filmes.

As relações entre poder e currículo já foram abordadas por vários autores, e na maioria deles é comum elucidar que os elementos de uma cultura selecionados e aprovados por um grupo social, são aplicados ao conhecimento escolar transmitindo uma ideologia dominante. Segundo Albuquerque

O currículo é o instrumento por meio do qual a escola realiza o seu processo educativo. Não é fruto de uma escolha técnica e neutra. É fruto de relações de poder, de prioridades e escolhas articuladas a um determinado modelo de cultura, a uma visão particular de homem e sociedade, a determinados valores. (ALBUQUERQUE, 2012, p. 11)

Nesse sentido devemos perceber “como uma sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia os saberes destinados ao ensino reflete a distribuição do poder em seu interior e a maneira pela qual aí se encontra assegurado o controle social dos comportamentos individuais.” (FORQUIN, 1993, p. 84)

A partir destes apontamentos podemos perceber que, em “O contador de histórias”, a instituição FEBEM primava por uma relação de poder na qual existia a busca pelo domínio total sobre o indivíduo, até que ele mesmo acreditasse que não era capaz de mudar. Roberto Carlos, só com a convivência com a pedagoga francesa, começa a resgatar seus sonhos e a adquirir uma nova perspectiva sobre si e a realidade, nesse sentido pode-se dizer que as práticas diárias de insucesso só sofreram modificações quando ele mesmo foi capaz de se descobrir como pessoa.

No filme “Uma professora muito maluquinha” o currículo se mostrava engessado, incapaz de sequer insinuar mudanças, ou como reitera a diretora ao criticar a metodologia da professora Catarina: “___Esta escola tem regras, regulamentos, currículo aprovado pela secretaria”. Tanto que as práticas da professora Catarina eram tidas como algo destrutivo de tudo que estava certinho, arrumadinho, incapaz de sofrer alterações, o professor dita as normas e conteúdos e os alunos são obrigados a aprenderem, sem sequer questionar o porque da aprendizagem e da metodologia. Por não partilhar desta pedagogia tradicionalista a professora Cate acaba incomodando seus colegas e superiores. Ela, com seu entusiasmo, mostra outra forma de aprender, algo prazeroso e encantador, e o incrível é que o currículo, ou seja, a aprendizagem foi

efetivada seguindo propostas mais inovadoras e propiciando aos alunos a oportunidade de conhecimentos mais abrangentes sobre o mundo e construídos por eles mesmos.

Esse fato incomodou todo o sistema, mas as possibilidades que os alunos descobriram de novos modos de aprender ficou incrustada naquela turma que, assim, se tornou um sucesso. E pasmem! A professora Catarina conseguiu fazer com que seus alunos adquirissem conhecimentos sem a necessidade de avaliação – o que foi a gota d'água para os tradicionalistas. O sistema tradicionalista sustenta-se sobre rígidas formas de avaliação e não avaliar é considerado um impropério, um absurdo. O mais chocante é que ainda se fala dessa forma na maioria das instituições de ensino e as avaliações externas são um fator que, aparentemente, vieram para ficar. Quanto a avaliação é bem a propósito citar Hoffmann (2001, p. 178) que diz “as metodologias se definem pelas intenções e formas de agir do professor ao avaliar. Referem-se tanto às observações quanto às intenções do professor frente às necessidades e interesses de seus alunos”. Logo, não é preciso avaliar o aluno de maneira tradicional, mas pode-se criar novas formas de avaliação que permitam perceber o desenvolvimento do conhecimento e das habilidades presentes nas múltiplas formas de inteligências de cada um.

Diante do processo de adequação do currículo, percebe-se nos filmes “A onda” e “Escritores da liberdade” que o tema gerador para os trabalhos realizados partiu de um momento que exigia mudanças radicais de metodologia e das necessidades dos alunos, seja por meio das questões sobre o nazismo levantadas pelos alunos de “A onda” ou da falta de perspectivas futuras apresentadas pelos alunos de “Escritores da liberdade”. Percebe-se que o eixo condutor do currículo está em temas geradores de atividades pedagógicas. No primeiro filme o tema autocracia poderia vir a amenizar as situações de ideologia dominante, já no segundo, a liberdade de se expressar poderia amenizar os sofrimentos do racismo. Já no filme “O contador de histórias”, o tema exclusão social e todos os outros tipos de exclusão são abordados como emergencial para a tomada de novas posturas e atitudes.

Para melhor entender essa integração curricular proporcionada pelos temas geradores, como alternativa educacional capaz de articular uma realidade sociocultural, ética e política na vida dos alunos vale refletir:

Temas geradores [...] significam exatamente a possibilidade de articular, no trabalho pedagógico, a realidade sociocultural das crianças, o desenvolvimento infantil e os interesses específicos que as crianças, o desenvolvimento infantil e os interesses específicos que as crianças manifestam, bem como os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade a que todos têm direito e acesso. Os temas imprimem, ainda, um clima de trabalho conjunto e de cooperação na medida em que os conhecimentos vão sendo coletivamente construídos, ao mesmo tempo em que são respeitados os interesses individuais e os ritmos diversificados das crianças. (KRAMER, 1991, p.50)

Nesse sentido, os temas abordados pelos professores fizeram com que houvesse um ensino direcionado, portanto pode-se dizer que dentro das quatro áreas do conhecimento (conhecimento linguístico, matemático, ciências naturais e ciências sociais), o fio condutor que abarcou a maioria deles foi a cultura e como ela foi concebida. Nota-se que há uma maior referência nos filmes abordados do conhecimento linguístico e de ciências sociais. Nos filmes analisados podemos perceber que os alunos, após desenvolver os projetos propostos, conseguem se expressar e pensar de forma mais crítica e cidadã. A arte de se expressar, de construir conhecimentos e atitudes mostra

que os professores conseguiram atingir seu intuito de desenvolver o potencial de seus alunos. Nos filmes analisados o enfoque da arte de ensinar do professor é ressaltado, frente a uma cultura que tenta de várias formas dificultar o acesso dos excluídos ao sucesso pessoal e profissional.

2.5 As imagens interagem: o objeto de trabalho e o profissional

O trabalho do educador é um trabalho de cunho social, lida com vidas, com seres em formação. Tardiff (2011, p. 117) afirma que “o objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo”, da mesma forma são suas relações sociais.

Nesse sentido cabe evidenciar o papel do cinema ao mostrar as escolas, seus alunos e professores, assim como as práticas pedagógicas diferenciadas utilizadas no processo ensino/aprendizagem. Vemos nas telas a representação social da escola e seus sujeitos. Morin diz que “o filme pode ser uma reconstrução da realidade e o cinema uma janela que nos torna testemunhas da realidade.” (MORIN, 1970 apud MORAES, 2012, p. 01) Assim, as imagens do professor/educador apresentada nas telas, carregam consigo toda uma representação cultural e temporalmente construída, usando dos recursos audiovisuais para que a linguagem que chega até o público seja assertiva. Nesse caso usa-se do recurso da intertextualidade para que, no desenrolar do filme, as cenas sejam interpretadas.

Segundo Turner (1997), os filmes desempenham, por meio de suas narrativas, uma função cultural, possibilitando ao espectador a possibilidade de ir além do prazer da história. Mas o cinema não é só prazer, não é só fruição; ele pode ser um instrumento de crítica, de contestação e de reflexão sobre as realidades excludentes nas quais vivemos. Um modo de refletir sobre temas polêmicos e conflitantes do passado que se refletem no presente como em “A onda”. De discutir que tipo de educação é ministrada as categorias sociais excluídas como os pobres e os negros de “O contador de histórias” e “Escritores da liberdade”. Ou ainda os espaços de manobra que um professor tem para poder desenvolver uma metodologia inovadora e criativa dentro de uma instituição de ensino tradicionalista como em “Uma professora muito maluquinha”.

Percebe-se, nos quatro filmes, a inferência do meio, do contexto em que eles se desenrolaram e como houve a apropriação da realidade, do meio social vivido e, em alguns casos, não desejado pelos personagens. Isso fez com que seus autores/alunos mudassem, transformassem sua história usando para isso a educação.

Nesse modelo de apropriação do meio, parte-se da certeza e da realidade de que a mudança é constante, e da necessidade de educar dentro dela. [...] Isso implica um estudo crítico por meio do qual o aluno aprenda a formular juízo de valor sobre a qualidade do meio e propor alternativas de mudança. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 197)

Utilizando o cinema e suas narrativas ficcionais ou não, podemos construir pontes que permitam ao aluno aprender a ver, analisar, criticar e mudar a sua história e a da sua comunidade por meio da sua educação e crescimento pessoal.

Roberto Carlos, personagem de “O contador de histórias”, volta da França formado em Pedagogia e dedica-se as crianças da mesma instituição que o tornou um excluído – a FEBEM. A professora Erin, de “Escritores da liberdade”, procura mostrar aos seus alunos que eles não tem que viver num ciclo eterno de pobreza e violência, que podem mudar suas vidas e da comunidade na qual vivem. A professora Cate, de “Uma professora muito maluquinha”, mostra a seus alunos que eles podem conhecer o mundo

mesmo vivendo numa cidade do interior, com recursos limitados e mentalidade tradicionalista. O professor Rainer, de “A onda”, não se contenta em dar a seus alunos respostas prontas que serão rapidamente esquecidas, ele os leva a refletir por si mesmos e buscar as saídas possíveis de uma sociedade sem rumos definidos.

2.6 A formação profissional do docente

O professor, o profissional da arte de ensinar, junto ao seu trabalho gera expectativas em entorno de seu ofício, isso porque o seu fazer profissional está vinculado ao seu ser como pessoa e a sua influência sobre seus alunos. Nesse sentido, o papel do professor torna-se cada vez mais evidente e gerador de mais expectativas pois, vivemos numa sociedade que gera muitas informações o tempo todo, mas que não nos permite sintetizar os conhecimentos adquiridos por meio das mídias eletrônicas.

Ao educador é atribuída uma competência profissional, ou seja, ele deve interagir com a sociedade, com as novas perspectivas educativas e de aquisição de conhecimento e permitir que seu aluno tenha acesso não só as informações acumuladas nas mídias mais que seja capaz de analisá-las criticamente. Logo, essa competência está atrelada ao objeto de seu trabalho, portanto na interação dialógica com outro ser, há de se considerar então sua real competência para lidar com condições constitutivas inerentes a interação humana e também, seu propósito nessa interação, nesse caso, o ensino.

Nesse recorte se torna plausível a postura de cada professor dos filmes e a forma como cada um deles interagiu com seus semelhantes, os alunos. A professora Cate, de “Uma professora muito maluquinha”, chegou até seus alunos usando de magia, do incentivo a imaginação que somente os livros e os vários gêneros textuais são capazes de oferecer. Rainer, o professor de “A onda”, conseguiu que seus alunos usassem os moldes das condutas fascistas para que eles aprendessem a lição sobre as armadilhas da construção da identidade. A “Senhora G” (professora Erin), de “Escritores da liberdade”, conseguiu o resgate de identidade e autoestima em seus alunos usando para isso momentos de interação, de escuta e construção conjunta de um novo olhar sobre a realidade. A pedagoga francesa, de “O contador de histórias”, permitiu que Roberto Carlos pudesse desenvolver seus valores emocionais, afetivos e cognitivos por meio da afetividade e do envolvimento pessoal.

Tais feitos, não só os descritos nos filmes, como os costumeiros da rotina da sala de aula, exigem um ponto crucial, o saber. Esses saberes são construídos dentro do campo de atuação do professor, são saberes pragmáticos. Altet aponta que “no ensino, as competências abrangem os saberes plurais trazidas pelo planejamento, pela organização, pela preparação cognitiva da aula e pela experiência prática advinda das interações em sala de aula.” (ALTET, 2001, p. 28)

O professor, então, deve construir uma rotina na sala de aula na qual o planejamento de seu trabalho deve orientá-lo a lidar com as inferências exigidas no processo educativo, a exemplo, as possibilidades de mudanças na tática com relação à metodologia, a capacidade de resolver conflitos, abordar e desenvolver táticas que melhor se adequem ao momento, e outros elementos capazes de emergirem na prática cotidiana de seu ofício.

Assim, diante da exigência de tamanha habilidade para que seu trabalho seja efetivo há de ter, na sua formação, tanto a teoria quanto a prática e, sobretudo, a ciência da interação com seus alunos. Tardiff diz que “nada nem ninguém pode forçar um aluno a aprender se ele mesmo não se empenhar no processo de aprendizagem. Nessa possível

fuga, fora das mãos dos professores a maioria dos alunos são deixados para trás.” (TARDIFF, 2001, p.132)

Outra análise a ser feita com relação aos quatro filmes é que o professor promoveu um desencadeamento de trocas, observações, inferências com seus alunos que vai sendo construído num programa de aprendizagem que envolve professor e aluno num relacionamento de mão dupla. O trabalho do professor deve ser inovador frente aos desafios da contemporaneidade é permite-lhe manter uma relação dialógica baseada em valores edificados em respeito e consideração mútua, desenvolvendo o seu papel de possibilitador, mediador de conhecimentos.

Devemos apontar que às metodologias inovadoras, indo dos projetos até os meios de multimídias mais modernos, estão ancorados na capacidade do professor dominá-las e conhecê-las de modo que o resultado de seu trabalho possa ser considerado inovador. No filme “Uma professora muito maluquinha”, temos a professora Cate utilizando-se de uma “máquina de leitura” (uma invenção do vendeiro da cidade para fazer o papel correr e ser cortado de forma mais fácil) para ensinar seus alunos a lerem de forma mais rápida e precisa. Utilizar todo e qualquer mecanismo (mesmo que não seja considerado “pedagógico” ou “moderno”) que permita ao aluno ter acesso ao conhecimento é o que faz um professor ser reflexivo sobre o seu papel de profissional.

Resumindo, os filmes mostram claramente o fazer diferente do professor, o seu papel é de um professor interativo cujo resultado ele antevê, mesmo que seja ousado, escrito no seu plano de trabalho e no reflexo do projeto da escola, culminando com a perspectiva de ensino eficiente e eficaz, isto é uma educação humanista.

2.7 Professores e cinema: do herói idealizado à prática cotidiana

É importante observar que os papéis dos professores apresentados pelo cinema, quer seja americano, alemão ou brasileiro, estão focados dentro de um conflito político, ético e social. Segundo Ferreira, os filmes sobre professores são “produzidos e apresentam variedades de heroísmos centrados na superação das dificuldades, como as do isolamento e do desamparo de seus personagens, agravados pelas questões políticas e culturais. (FERREIRA, 2012, p. 95)

As questões políticas e ideológicas são trabalhadas pelos professores dos filmes que tentam trazer-las do cotidiano de suas vidas, além do muro, para dentro da escola. Estas questões são representadas pelos conflitos internos dos personagens sobre sua atuação profissional, quando estes fazem com que o espectador se sinta emocionado e se identifique com o personagem como se fosse uma vivência real, com problemas e dramas reais. Os enredos dos filmes atuais procuram espelhar a realidade conflituosa da sociedade do século XXI, com exclusão dos menos favorecidos economicamente, repressão, violência, falta de acesso a determinados direitos sociais básicos, agravados por uma sociedade cada vez mais centralizadora e intervencionista.

As angústias e os sonhos transformam o projeto político da profissão de professor em motivação que pode até vir a se chocar com o sistema de poder vigente, como se pode observar nos filmes analisados, principalmente em “Uma professora muito maluquinha”, quando ela foge completamente das normas estabelecidas pela pedagogia tradicional, e parte para os recursos que a vida real oferece como forma de aprendizagem. Ou como o professor Rainer, de “A Onda”, que numa Alemanha que ainda procura entender como foi possível viver e apoiar o nazismo acaba utilizando das próprias técnicas manipulativas da ideologia nazista para fazer com que seus alunos percebam o quanto é fácil ceder ao mais forte, àqueles que têm certezas mais definidas

do que as do nosso mundo de produção automática e rápida de sentidos e projetos passageiros.

Geralmente, o projeto político pode ter faces diferentes de filme para filme, mas baseia-se no fato da responsabilidade do professor que ali está ensinando. Os professores dos filmes se apresentam como heróis e todas as cenas em torno de seus personagens os tornam diferentes, inspirando aos espectadores/professores reais reflexões e um distanciamento de sua própria profissão para que assim possam entendê-la e, nas cenas, encontrar a possibilidade de uma nova leitura e fazer pedagógico eficiente. Esse repensar no que ensinar no currículo proposto está imbuído em todos os filmes analisados.

Ferreira afirma que “a preocupação em estabelecer um canal de comunicação favorável com os alunos antecede qualquer consideração curricular”. (FERREIRA, 2012, p. 92) Isso pode ser comprovadamente analisado nas cenas em que os protagonistas dos filmes se deparam pensando em como achar uma solução para o início dessa comunicação. Transforma assim, o currículo em algo palpável e talvez distante das doutrinas vigentes.

Torna-se pertinente a citação seguinte, na qual valores políticos e experiência de autorrealização são apresentadas por Einsner e Vallance (1974)

Fortemente e deliberadamente saturada de valores, esta abordagem está centrada nos propósitos pessoais e na necessidade de integração pessoal e vê a função do currículo como a de fornecer experiências de auto realização que sejam pessoalmente satisfatórias para cada aprendiz individual. É centrada na criança, orientada para a autonomia e crescimento, e a educação é vista como um processo facilitador que fornece meios para a libertação e o desenvolvimento pessoal. (EINSNER; VALLANCE, 1974 apud DALTON, 1996, p. 114)

Nesse sentido, esses professores/heróis possuem também suas vidas pessoais, que mesmo nos filmes atuais são apenas marginalmente abordadas em favor do foco profissional de educador. No entanto, olhando para filmes anteriores, mesmo esta pequena parcela de cenas que apontam para uma vida fora da escola são importantes e diferenciam os filmes aqui analisados. A professora Catarina, de “Uma professora muito maluquinha”, é um bom exemplo de uma nova visão sobre o personagem professor/herói que transcende os estereótipos. Catarina não é invejada pelas colegas apenas porque seus alunos a amam e ela usa metodologias pouco convencionais para a época. O problema é muito maior: ela é uma moça jovem, bonita, feliz, usa roupas modernas e que gosta de se divertir, ir a festas e namorar. Sua imagem se contrapõe a de suas colegas carrancudas, tradicionalistas que acham que uma professora não deve ser miss ou ter vários namorados. É a desconstrução de uma imagem idealizada de professor que as incomoda, daí a sua implicância sair do nível profissional para o pessoal.

No entanto, como aponta Dalton

Os homens e mulheres que são professores e professoras nos filmes não são perfeitos, mas se formos perguntar aos/às estudantes a quem ensinam o que os/as faz diferentes, eles/elas provavelmente nos diriam que estes/estas professores/as “realmente se preocupam” com seus/suas estudantes e estão tentando fazer o melhor para eles/as, com grande custo pessoal. (DALTON, 1996, p. 108)

Esta afirmativa pode se estender a todos os personagens professores dos filmes analisados, pois eles se tornam a única chave para desvendar um mundo sob o foco de um prisma mais positivo e que trazem a alunos excluídos (como os de “Escritores da liberdade” e “O contador de histórias”) uma possibilidade de mudarem sua história e construir um futuro mais promissor.

No entanto, nos filmes a representação do fazer/ensino se torna um instrumento de prática para a formação continuada desses profissionais que permitem que seus alunos possam vislumbrar um futuro melhor. Futuro este que não vai ser construído pelo professor, mas pelo aluno a partir das bases e possibilidades dadas pela educação. Na vida real um professor pode influenciar seus alunos, mas não é o único personagem a inspirá-los, colocar o professor como o salvador das exclusões sociais é atribuir-lhe um papel individualista, personalista e de herói que vai além do que ele pode fazer. A escola não é uma clausura e não se resolvem todos os problemas sociais apenas porque um indivíduo “realmente se preocupa” com o destino de seus alunos. A sociedade, a família e o próprio aluno têm que ter uma ação atuante no processo de mudanças, caso contrário, o professor/herói vai falar sozinho, lutar sozinho e sofrer sozinho na sua prática pedagógica. É, portanto, necessário fazer uma leitura intertextual do projeto que queremos como profissionais do ensino e de como abordar os mais variados conflitos que surgem no cotidiano escolar e social construindo ações que envolvam todos os componentes do processo ensino/educação e não apenas o professor.

3. Considerações finais

Esta pesquisa nos propiciou um crescimento acadêmico e pessoal e nos proporcionou a oportunidade de adentrar pelo universo da pesquisa e da exposição de dados. Neste sentido, o II Seminário de Iniciação Científica da FACIHUS/FUCAMP, ocorrido nos dias 28 a 30 de novembro de 2012, foi um momento importante para apresentarmos os resultados parciais da pesquisa a comunidade acadêmica por meio de um banner colocado em exposição para os alunos e visitantes.

A análise dos filmes aqui referenciados tendo como foco o trabalho do professor e sua relação com o aluno, foi uma experiência bastante gratificante pois, ao direcionar nosso olhar para a profissão e para o profissional da educação, para o aluno e para seu contexto social, possibilitou-nos uma releitura de acontecimentos recorrentes no cotidiano escolar como: a exclusão social, a utilização da pedagogia tradicional e outros fatores que fazem com que as aulas se tornem enfadonhas, desinteressantes ao ponto de culminar com a evasão escolar.

Assistir os filmes e analisá-los é tornar possível sair de cena e observar a realidade da escola, sob a luz de um espectador. É tornar possível a leitura do meio, do espelho no qual as várias faces dos professores dos filmes foram mostradas e identificar cada profissional dentro de seu desejo de poder fazer a diferença. O trabalho com filmes torna possível assistir uma realidade não ficcional, mas mensurável num contexto social plausível de acontecer em um tempo e espaço determinado ou não. Filmes, como os analisados, podem nos fazer refletir sobre os valores políticos, éticos e estéticos da profissão de professor e nos permitir sermos profissionais mais reflexivos sobre nossa própria atuação na escola e no mundo pois, como Demo (1985, p. 18) afirma, “educar significa o horizonte em profundidade da formação da personalidade, cuja substância se encontra num modo de ser”. Podemos acrescentar a esta afirmativa: é tirar o melhor de dentro de si e oferecer ao outro em troca de vê-lo melhorar sua condição cultural e social.

Neste sentido, a pesquisa permitiu, como futura pedagoga, pensar as múltiplas realidades a serem enfrentadas na escola real, realidades que transcendem a teoria, mas que não podem ser forjadas, nem modificadas sem ela. Ser professor não é ser um herói infalível que resolve tudo sozinho e que consegue, só porque se importa ou é profissionalmente responsável, mudar tudo e todos. Ser professor é estar sempre aprendendo, modificando suas metodologias, usando as técnicas aprendidas e aprendendo novas para propiciar ao aluno a oportunidade de desenvolver suas potencialidades num ambiente que respeite a diversidade, a diferença e possibilite a construção de um cidadão verdadeiramente crítico e consciente de seu papel na sociedade.

4. Referências

4.1 Filmes

A ONDA. Diretor: GANSEL, Dennis. Alemanha: Paramount, 2008. DVD, 106 min., sonoro, color, dublado/legendado.

ESCRITORES da liberdade. Diretor: LAGRAVENESE, Richard. Estados Unidos: Paramount, 2007. DVD, 122 min., sonoro, color, dublado/legendado.

O CONTADOR de histórias. Diretor: VILLAÇA, Luiz. Brasil: Warner Bros., 2009. DVD, 105 min., sonoro, color, dublado.

UMA PROFESSORA muito maluquinha. Diretor: PINTO, André Alves; RODRIGUES, César. Brasil: Paris Filmes, 2010. DVD, 88 min., sonoro, color, dublado.

4.2 Bibliografias

ALBUQUERQUE, Helena Machado de Paula. **Escola e currículo** – a discussão necessária. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/faed/nefope/publicacoes/curriculo-escolar-algumas-reflexoes>> Acesso em 20/10/2012.

ALTET, Marguerite. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Phelippe; ALTET, Marguerite; CHARLIER, Évelyne (orgs.) **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 23-35.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Rio de Janeiro: 11(5), 1991, p. 183-184.

_____. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 7, nº 13, 1994, p. 107.

COUTINHO, Laura Maria. O olhar cinematográfico: reflexões sobre uma educação da sensibilidade. CUNHA, Renato. (org.) **O cinema e seus outros**. Brasília: LGE, 2009.

DALTON, Mary M. O currículo de Hollywood: quem é o “bom” professor, que é a “boa” professora? **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: jan/jun 1996, v.21, p 97 a 122.

DEMO, Pedro. **Ciências sociais e qualidade**. São Paulo: Almed, 1985.

FABRIS, Elí Terezinha Henn. **A pedagogia do herói nos filmes hollywoodianos**. Texto disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1/articles/fabris.pdf>> Acesso em 01/02/2012.

FERREIRA, Susana da Costa. **Professores e professoras nos filmes, história e papéis sociais**. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/894/89415700009.pdf>> Acesso em 19/01/2012.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: ArtMed, 1993.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e História. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 143-179.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. LIMA, Luiz Costa (org.) **A leitura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KRAMER, Sonia (Coord.). **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. 2ed. São Paulo: Ática, 1991.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Amaury César. **A Escola vista pelo Cinema**. Disponível em:
<<http://www.hottopos.com/videtur21/amaury.htm>> Acesso em 20/01/2012

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

PACHECO, Ricardo de Aguiar Pacheco. **Ensinar aprendendo**: a práxis pedagógica do ensino por projetos no ensino fundamental. Disponível em:
<<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1593/1305>> Acesso em 17/10/2012.

PERRENOUD, Philippe. (org) **Formando professores profissionais**: quais estratégias? Quais competências? Porto Alegre: Artmed, 2001.

RODRIGUES, Iliete Misturini. **O cinema e a pedagogia do herói**. Cultura escolar, ação docente e cinema. Texto disponível em:
<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_iliete_misturini_rodrigues.pdf> Acesso em 01/02/2012.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. LIMA, Luiz Costa. (org.) **A leitura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.